

O REALISMO SUJO EM *TRILOGIA SUJA DE HAVANA* E SUAS ENCRUZILHADAS CULTURAIS

“Respiramos signos, que tudo em nossa volta é linguagem e, portanto,
culturalmente construído — um constructo cultural.”

Roberto Henrique Seidel

Mariana Barbosa Batista¹

Roberto H. Seidel²

Resumo: Este trabalho, através da obra *Trilogia Suja de Havana*, de Pedro Juan Gutiérrez abordará as discussões teóricas acerca do *realismo sujo* na sua ficção, permeados pelas reflexões dos estudos culturais, posto que a leitura demanda uma formação do leitor tanto esteticamente quanto culturalmente. Estratégias essas traçadas a partir das “encruzilhadas” em que se encontram os textos e os indivíduos nesse *entre-lugar*, estabelecido nesse mosaico de literatura e realismo construídos pelo escritor, através da composição e do encontro de culturas, que resultam no fenômeno da transculturação em Cuba e seus processos de transição. Para tanto, buscamos analisar como são construídos os personagens e como estes se manifestam para além do texto, por meio do realismo sujo e das estratégias performáticas do autor.

Palavras-chave: Pedro Juan Gutiérrez. Entre-lugar. Cultura. Transculturação. Realismo Sujo.

SOBRE O AUTOR

Pedro Juan Gutiérrez, escritor, escultor, pintor e também poeta, assim como em suas narrativas possui inúmeras habilidades e se envereda por diversos campos artísticos. Nascido em Matanzas (Cuba) em 1950, começou a trabalhar aos 11 anos de idade, vendeu sorvete, serviu ao exército cubano, foi trabalhador agrícola até trilhar sua trajetória como jornalista e escritor. Escreveu *O rei de Havana* (1999), *Animal tropical* (2000), *Nosso GG em Havana* (2004), *O ninho da serpente: memórias do filho do sorveteiro* (2005), *Coração mestiço* (2007).

Descrito pelo Jornal New York Times como “*A lewd, impious and brilliant novel of contemporary Cuba*”³, o romance *Trilogia suja de Havana*, de Pedro Juan Gutiérrez,

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Diversidade Cultural pela Universidade Estadual de Feira de Santana—UEFS. Email: marybarbosabatista@hotmail.com.

² Orientador; Prof. Adjunto de Teoria Literária do Curso de Letras, da Especialização em Estudos Literários e do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Diversidade Cultural — PPGLDC/UEFS; Docente Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural — Pós-Crítica/UNEB II. E-mail: rhseidel@ig.com.br

desde seu lançamento em 1998, vem conquistando respeito e renome na literatura mundial, tendo recebido diversos prêmios⁴. Com sua linguagem embutida de realidade e crueldade, o romance consegue romper com os padrões da literatura do século XXI. Como o próprio autor descreve, ele acredita numa arte “atormentada, cheia de pesadelos e desespero”. Para ele, o decorativo, a beleza do que é comum não o interessa e fazer arte significava ir além dos padrões, o rompimento faz dessa arte algo novo e relevante.

Em 1998 ao lançar *Trilogia suja de Havana* (1998), o escritor cubano Pedro Juan Gutiérrez dá início à sua saga autobiográfica que ficaria conhecida como centro do ciclo de Havana e que abrangeria quase 10 anos de sua vida. A obra é escrita em forma de contos nos quais; não há uma linearidade, a descrição é feita sob uma ótica ampla e singular de Cuba. Não há personagens fixos, apenas o narrador personagem, Pedro Juan, é significativo. Este personagem é um ex-jornalista, capaz de qualquer coisa para sobreviver e obcecado por sexo. Sendo um livro “quase que autobiográfico”, o autor Pedro Juan descreve em entrevista ao *Jornal do Brasil* o que o motivou na escrita desta obra:

Faz trinta e cinco anos que não convém falar nada de desagradável nem preocupante nos jornais. Tudo tem de estar bem. Uma sociedade-modelo não pode ter crimes nem coisas feias. Mas a verdade é que é preciso saber. Se não tem toda a informação não se pode pensar, nem decidir, nem opinar. A gente se transforma num tonto, capaz de acreditar em qualquer coisa. Por isso eu estava tão desiludido com o jornalismo e comecei a escrever uns *relatos muito crus*. Em tempos tão dilacerados não se pode escrever com suavidade (GUTIÉRREZ, 2003- grifo nosso).

Nesse estudo, portando, buscará através desses “relatos crus” revelar essa forma contemporânea de Pedro Juan Gutiérrez. Nesta, a escrita já não se baseada apenas em padrões estéticos, formas e normas; o que interessa é retratar a realidade sem mascaramentos ou adornos. Apresentando uma obra polêmica, densa e que, embora, escrita sem rebuscamento, consegue revelar vertentes diversas dessa literatura em constante transformação, através do *realismo sujo*, percorrido pelo diálogo do *entre-lugar* do processo de construção do indivíduo e da cultura, até a submersão no processo de *transculturação*.

A escrita de Pedro Juan Gutiérrez é marcada pela tentativa de criar uma identidade nacional, uma identidade própria, marcada pelo testemunho e contada através das ações promovidas por um governo opressor é assinalada pelo próprio uso do

³Tradução nossa: “Um romance lúbrico, irreverente e brilhante da Cuba contemporânea”.

⁴Animal tropical (Prêmio Afonso García-Ramos de Romance 2000, na Espanha, atribuído conjuntamente pelo Cabildo de Tenerife e Editorial Anagrama) e Carne de cão (ganhador do prêmio no Itália Narrativa Sur del Mundo).

personagem principal da obra, que é homônimo ao do escritor. Traçada a partir dos choques vivenciados, buscando reconstruir como vivem as pessoas, os personagens, dessa Cuba multicultural. A autoficção apresentada por Pedro Juan Gutiérrez em *Trilogia Suja de Havana* (1998) traz uma discussão sobre qual o lugar que o escritor ocupa na literatura, além de questionar qual o lugar do sujeito nessa contemporaneidade caótica e múltipla.

As histórias surgem a partir da percepção de vidas desconstruídas e fragmentadas que serão apresentadas, ao leitor, a partir da visão do autor que conta, constrói e reconstrói as histórias. É essa reconstrução que dará ao escritor as inúmeras possibilidades de criação, seja ela real ou ficcional, articulada de tal forma que o leitor jamais terá a certeza do que de fato existiu ou o que foi ficcionalizado. A partir dessa realidade multifacetada que serão abordadas as discussões teóricas acerca do realismo sujo na sua ficção, permeados pelas reflexões dos estudos culturais, posto que a leitura requer uma formação do leitor tanto esteticamente quanto culturalmente. Estratégias essas traçadas a partir da “encruzilhada” em que se encontram os textos e os indivíduos, nesse *entre-lugar*, estabelecidos nesse mosaico de literatura e realismo construídos pelo cubano, através da composição e do encontro de culturas, que resultam no fenômeno da transculturação em Cuba e seus processos de transição.

A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO

O conceito de sujeito moderno está baseado nos processos de individualização e de racionalização das relações sociais com o mundo. Esse sujeito, diante da liberdade e independência, usa a razão como o centro de suas ações e do seu comportamento social e moral. Nessa busca da modernidade racionalizada, o homem passa a se moldar pelo viés científico, e a sociedade, como um todo, passa a ser objeto manipulável. Para Zygmunt Bauman (2001), a individualização consiste em “transformar a ‘identidade’ humana de um ‘dado’ em uma ‘tarefa’ e encarregar os atores da responsabilidade de realizar essa tarefa e das conseqüências [sic] (assim como dos efeitos colaterais) de sua realização” (BAUMAN, 2001, p.40-grifos do autor).

A liberdade, ainda que vasta, não dá ao indivíduo a certeza de pertença nesse mundo caótico, pois o indivíduo moderno já não é determinado pelo seu lugar de nascimento ou por relações preestabelecidas, vai além. Esse sentimento de não pertença realça a intolerância e com ela os males para a sociedade. O sujeito moderno vive em

um mundo que implica na aceleração e na diluição dos conceitos de tempo e de espaço, na tentativa de eliminação da dicotomia através da razão, na intolerância às diferenças, no desenvolvimento da ciência e das novas tecnologias.

O sujeito fragmentado, diante das inúmeras influências e formações, passa a questionar as identidades culturais que lhes são apresentadas ou, por muitas vezes, impostas. Somos a junção de inúmeros povos e culturas. Portanto, as identidades nacionais não são ideais ou possuem apenas características com as quais nascemos, mas sim aquilo que é transformado e, posteriormente, representado. Segundo Silviano Santiago (1982), o “*entre-lugar* é uma estratégia de resistência que incorpora o global e o local, que busca solidariedades transnacionais através do comparativismo para apreender nosso *hibridismo* (SANTIAGO, 1982, p.19-grifos nossos), fruto de quebras de fronteiras culturais. Assim, Santiago (1982) demarca o multiculturalismo crítico, tornando o *entre-lugar* não apenas como contexto dos privilégios dos ricos intelectualizados, mas também como cenário das migrações populares.

Em *A identidade cultural na pós-modernidade* (2011), Stuart Hall defende a existência de novos modelos identitários, muitas vezes contraditórios, fundamentados na fragmentação e na multiplicidade do indivíduo. Hall (2011) faz uma viagem histórica que vai desde a análise dos ideais iluministas (no qual o homem se baseava na razão e na individualidade do pensamento), até a ideia do sujeito sociológico que interage com as pessoas e arruína o ideal da autossuficiência do sujeito, que passa a viver em sociedade. Esse diálogo passa a ser então do indivíduo e do mundo, para que, a partir de então, a identidade desse homem pós-moderno seja delineada.

Essa nova percepção de mundo dá ao sujeito uma sensação de vazio, de falta. E, é a partir dessa percepção que Gutiérrez articula seus escritos. Pois,

[...] Pelo jeito vou ter de me acostumar a viver com essas crises intermitentes de melancolia e tristeza. É como viver com um velho ferimento de bala, que dói quando o tempo está úmido. Talvez eu tenha alguns motivos para esse peso. Mas não está certo. A vida pode ser uma festa ou um velório. Agente é que decide. Por isso a angústia é uma merda em minha vida. E a espanto. Estou sempre assim: espantando a angústia, o peso e isso tudo (GUTIÉRREZ, 1998, p. 99).⁵

Essa tentativa minimizar o problema provoca a frustração no indivíduo. Segundo Stuart Hall, esse processo de subjetivação será sempre uma tentativa frustrada de esquecer o trauma do vazio. Para superá-lo, é preciso estabelecer um processo de identificação imaginária com o outro, com o que o outro vive. Essa experiência

⁵ As citações da obra serão apresentadas a partir de agora pela apresentação do número da página.

cotidiana e a busca da construção dessa identidade narrativa dará ao autor uma percepção das diferentes representações de si e do outro, promovendo as múltiplas formas criadas pelo sujeito nessa busca de conviver com o outro, o diferente, aquilo que lhe é estranho e suas possibilidades várias.

O debate entre a globalização e o multiculturalismo abre discussões acerca das inúmeras possibilidades de termos e definições para o *hibridismo cultural*, a *desterritorialização*, o *transculturalismo* e tantos outros advindos dessa pós-modernidade. Roberto H. Seidel, em *Embates Simbólicos: estudos literários e culturais* (2007) ressalta que a chegada da modernidade, o domínio estatal sobre os territórios e as diversas culturas introduzidas, trouxe consigo uma interação entre fatores endógenos exógenos. E, foi a partir dessa “mescla, desse encontro de culturas— regionais, rurais, indígenas, sertanejas, crioulas, caboclas, urbanas, etc.— resultou este processo que conhecemos por diversos nomes, tais como *transculturalismo*, *hibridação*, *heterogeneidade*, *mestiçagem* (SEIDEL, 2007, p. 80-grifos nossos).

Roberto H. Seidel (2007) defende que a teoria literária e a crítica cultural vinculadas com os estudos culturais reafirmam a importância de novos posicionamentos e novas formas literárias. Estas deveriam estar articuladas, entre si, e envolvidas com “outras” manifestações culturais produzidas através de textos ficcionais fragmentados. Com intuito de investigar as experiências sociais e estéticas brasileiras e latino-americanas o levantamento dos “*entre-lugares*, lugares de fraturas discursivas, encruzilhadas, lugares por excelência limítrofes [...] onde ocorre o processo de desterritorialização e reterritorialização entre as forças exercidas pelo tradicional, moderno e pós-moderno” (SEIDEL, 2007, p. 14-grifos nossos), nos proporciona a comparação e a constatação que não precisamos permanecer presos ao local ao qual nascemos, mas também não impede que isso aconteça.

Propomos então, nesse estudo, a análise da cultura sem assimilar a ideia unilateral do fator mercadológico e técnico. As nações deixam de ser meras unidades para se tornarem plurais, não menos complexas, mas que se articulam. Segundo Gislene Teixeira Coelho, em *Uma reflexão crítica acerca do interlectualismo* (2009), o conceito de heterogeneidade difundido por Cornejo Polar (2009), é sustentado a partir das contra-narrativas como forma de compreender os inúmeros processos de inclusão e exclusão, ou sua totalidade contraditória e fragmentada. O pensamento de Cornejo Polar pode também ser aplicado às nações modernas, cuja formação põe em xeque conceitos como

unidade e totalidade, além de fazer emergir uma nova elaboração discursiva frente a um mundo *transnacionalizado*.

Para a delimitação do termo *transculturalismo* fizemos um diálogo entre Fernando Ortiz e Angel Rama para melhor entender a genealogia do termo em questão, este que, por sua vez, remonta a temas recorrentes como as questões raciais, da mestiçagem e da diversidade cultural, tal qual são apresentados em *Trilogia Suja de Havana* (1998), de Pedro Juan Gutiérrez. Por *transculturação*, entendemos o neologismo criado para descrever o processo pelo qual um fenômeno passa de uma cultura para outra, trazendo em sua construção contatos e cruzamentos entre diferentes culturas. Seu estudo foi observado a partir dos anos de 1935, quando sociólogos e antropólogos americanos passam a dar atenção às relações entre grupos distintos de imigrantes através das suas trocas culturais. Mas, é em 1940 que o etnólogo e antropólogo cubano Fernando Ortiz Fernández introduz o conceito de *transculturalidade* no pensamento antropológico.

Ao longo dos anos o significado do termo sofreu alterações, essencialmente no âmbito da sua aplicabilidade. Inicialmente, a *transculturação* era entendida como o processo que se desenvolvia gradualmente até ceder espaço para à *aculturação*, ou seja, quando uma cultura se impõe a outra. Esta, diferentemente da *transculturação*, se dá com uma cultura imposta à outra. Enquanto que na *transculturação* essa troca pode ou não ocorrer sem conflitos, ainda que seja comum esse processo promover tensões. Tendo em vista que a cultura receptora está sujeita a imposição de características das quais não estavam acostumadas.

A *transculturação* passa a ser usada para descrever alterações culturais, não implicando essencialmente a conflitos, é antes de tudo um fenômeno de enriquecimento cultural. De acordo com Fernando Ortiz, em *El contrapunteo cubano del azúcar y del tabaco* (1983), é preciso entendermos que:

[...] o vocábulo *transculturação* expressa melhor o processo de transição de uma cultura para outra, porque este processo não consiste somente em adquirir uma cultura diferente, o que, a rigor, significa o vocábulo anglo-saxão *acculturation*, porém o processo implica também, necessariamente, na perda, no desenraizamento de uma cultura anterior, o que se poderia chamar de uma desculturalização parcial e, além do mais, significa a criação consequente de novos fenômenos culturais que se poderiam denominar de neo-culturação (ORTIZ, 1983, p. [on line]-grifos nossos).

Em termos gerais, pode-se dizer que a *transculturação* é a adaptação dos traços de uma cultura alheia como sendo próprios. A transição se faz em diversas fases,

durante as quais, inevitavelmente, se perdem certos elementos da cultura original. A transculturação está mais ligada à transformação de padrões culturais locais, a partir da adoção de novos padrões advindos das fronteiras culturais em encontros interculturais. Seria, portanto, a transformação de padrões a partir do elemento externo.

Enquanto Fernando Ortiz possui uma visão antropológica da cultura e do *transculturalismo*, Angel Rama trata a literatura como elemento integrante da cultura, e não como um mero objeto artístico independente do sistema cultural das civilizações. Rama a partir da multidisciplinaridade que subsidia seus estudos acerca das narrativas latino-americanas, evidenciando que estas transcendem o objeto artístico, ou seja, a obra literária. Em outras palavras, inserindo a obra em contextos literários e avaliando-a como parte de um processo histórico-cultural Angel Rama, discutiu sobre a importância da literatura na sociedade da América Latina. Assim, a noção de cultura serve como postulado teórico e metodológico para fundamentar sua produção intelectual.

Angel Rama deixou, sobretudo, um legado que teve na literatura seu foco principal. Pois entendeu que a literatura é um conjunto de processos ligados a aspectos sociais, políticos, ideológicos e estéticos. Portanto, buscava-se estabelecer a conexão essencial entre o trabalho teórico e o político. Os estudos culturais compõem a resposta, em termos de projeto intelectual, às transformações que marcam a sociedade contemporânea e, os meios de comunicação de massa, seriam, portanto, uma forma mais abrangente de estudar a cultura. Uma forma abrangente de difundi-la.

IDENTIDADE E CULTURA: UMA TRAJETÓRIA TÊNUE

As práticas discursivas resultam na significação dos indivíduos e nos conduz a uma melhor percepção da realidade. Reconhecendo que a condição humana depende do processo de simbolização e que estas tornam significativas nossas experiências, sua dimensão sociocultural é primordial para a formação humana e a percepção da realidade. Sem que entendamos os símbolos não poderíamos falar, nem compreender a cultura, pois basta participarmos de uma prática discursiva que percebemos o processo de construção das identidades sociais envolvidos.

Assim, como mencionado anteriormente, Stuart Hall (2011) nos traz os conceitos de identidade, para ele esta é formada e transformada continuamente nos sistemas culturais que nos rodeiam. O professor Durval Muniz de Albuquerque Júnior, em *Fragmentos do discurso cultural: por uma análise crítica do discurso sobre a*

cultura no Brasil (2007), trata dessa questão da formação da cultura, pois, “não se poderia pensar cultura sem imediatamente remetê-la para o campo da produção das identidades: seja das identidades nacionais, regionais, étnicas, de gênero, de classe, etc” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p.14).

Cada indivíduo projeta sua identidade cultural, internalizando valores e significados, contribuindo para o alinhamento de nossa postura diante da ocupação desse mundo que nos circunda: o social e o cultural. Portanto, a identidade molda o sujeito em sociedade. O processo de modificação do indivíduo caminha com o próprio processo de transformação da modernidade, por ser composto pelo conjunto de características culturais, o mesmo indivíduo pode ter identidades múltiplas, sobrepostas. Pois, o próprio Pedro Juan se define como um “cínico”: “Nunca entendi muito bem todos esses valores éticos com direitos e deveres. Sou um cínico. Assim é mais fácil. Pelo menos pra mim é mais fácil” (p. 22).

Essa perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento do sujeito. Quando ocorre um duplo deslocamento do seu lugar no mundo tanto social quanto cultural e, ainda, de si mesmo se constitui uma "crise de identidade" no indivíduo. Enquanto na modernidade as pessoas são membros de uma única nação, de um mesmo nicho, a pós-modernidade enfatiza o caráter variável e subjetivo das identidades sociais, pois estas não são fixas e pré-determinadas, estão em constante formação, fragmentadas e atormentadas como ocorre em episódios em que Pedro Juan assinala sua relação com a religiosidade.

O personagem relata sobre a religiosidade do povo cubano, suas inúmeras crenças e influências: essencialmente da *santeria*. A própria gênese da palavra designa “caminho dos santos”, é o conjunto de sistemas religiosos relacionados que funde crenças católicas com a religião tradicional *iorubá*, praticada por escravos e seus descendentes em Cuba; no Brasil corresponde ao candomblé.

Embora fosse a igreja algumas vezes não se furtava em usar dos cultos africanos para, como dizia o próprio, “fazer uma limpeza. Por vezes se define como “filho de Xangô. E de Oxum também” (p.57). Oras admite: “[...] rezo todas as noites e sempre peço a Deus que tire o medo do meu coração, que afaste a confusão de meu cérebro. Com medo e confusão fico paralisado. E Deus me ajuda em tudo o que é possível e me dá pequenos sinais” (p.95). E, ainda, se assume como cético e questiona a própria existência de Deus: “Isso aí é uma merda. Deus não existe. Se existisse não haveria tanta fome no mundo e tanta miséria” (p.343). Essa multiplicidade religiosa, esse misto

de sentimentos e “certezas” são marcas essenciais da pós-modernidade, do qual o homem pode ser múltiplo sem se preocupar em assumir uma única identidade, tendo crenças e articulações várias para a mesma nuance.

O sujeito assume identidades diferentes em momentos distintos, que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. A identidade torna-se uma "celebração móvel": formada transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados nos sistemas culturais que nos circunda, sendo delimitada pela construção histórica e não genética. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas, pois acreditar nessa unidade seria uma fantasia segundo Stuart Hall.

AS ENCRUZILHADAS DO TEXTO E SEU *REALISMO SUJO*

A evolução humana significa o trânsito de culturas em diferentes ritmos. Em Cuba, no entanto, essa circulação foi percebida de forma enfática e acelerada, diante das distintas culturas, da mestiçagem de raças e das influências por elas trazidas. E é a partir dessa ideia de *transculturação* e de mestiçagem envoltos no *realismo sujo* de Pedro Juan Gutiérrez que fundamentamos nosso estudo.

Em *Trilogia suja de Havana* (1998), Pedro Juan Gutiérrez não se submete ao calendário fixo e o tempo aparece fragmentado entre idas e voltas, cujos personagens surgem e desaparecem aleatoriamente submersos no caos. O homem apresentado como um caso patológico, um personagem esférico por agir instintivamente pela sobrevivência com cenas que assumem definições grotescas ou zoomórficas, assim como na definição feita por Pedro Juan: “Os primeiros que se aproximaram do cadáver esmagado contra o asfalto foram os cachorros vira-latas. Comeram um bom pedaço do cérebro sangrento e quente. Acharam um belo pitéu para o desjejum” (p. 110).

Seus personagens são o reflexo da realidade, temas recorrentes e pessoas comuns que fornecem a ferramenta para a sua escrita: “me sentia bem naquele cortiço pestilento, com aquelas pessoas nada cultas, nada inteligentes, que não sabiam porra nenhuma de nada, que resolviam— ou estragavam— tudo aos gritos, aos palavrões, com violência, com pancada. Assim era. À merda, tudo” (p.46).

Sua literatura é classificada, por especialistas, no chamado *realismo sujo*, que foi descrito pelo próprio autor em entrevista a *Revista Bravo* (1999) como “um estilo que indaga as zonas mais baixas e sujas da realidade” (GUTIÉRREZ, 1999, [on line]). Para

o autor, descrever essa realidade é o que lhe dá vida, mas esse ofício nem sempre agrada, pois as pessoas estão acostumadas com o belo, uma alegoria irreal da sociedade. Descreve a realidade tal como ela se apresenta, muda apenas nomes, revelando: “este é meu ofício: revolvedor de merda. Ninguém gosta disso. Não tapam o nariz quando passa o caminhão do lixo?” (p. 101).

A discussão em torno da escrita de Gutiérrez ressalta a sua chamada *estética suja*, ou seja, seu *realismo sujo*. Habitualmente associado à estética do lixo e a adjetivos como:

[...] pornográfico, violento, politicamente incorreto e machista, o *realismo sujo* foi um estilo literário surgido nos Estados Unidos durante os anos 60 e que é usado por Gutiérrez como marca estilística central de seus textos. No entanto, considero que muito além de uma escolha estética, o trabalho com a abjeção e a provação do nojo faz parte e é fundamental dentro desse processo de construção da identidade que se propõe o autor ao escrever a sua saga (FONTES, 2011, p. 19).

Izabel Santa Cruz Fontes, em *Escrita como itinerário existencial: autoficção e subjetividade no realismo sujo de Pedro Juan Gutiérrez* (2011) percorre todo esse universo ficcional apresentado pelo autor cubano, através do *realismo sujo*. A forma com que lida com o cotidiano, a dureza e a crueldade reveladas em sua escrita demonstra seu olhar agressivo diante da realidade. Este é um recurso usado pelo autor para forçar o leitor a perceber a realidade tal qual ela é. Isso, revelados através do instinto e da animalização de suas relações. Gutiérrez consegue romper totalmente com os padrões, suas descrições dão um ar malicioso e espontâneo a sua obra, mostrando uma liberdade que contrasta com aquele país. Observe:

Aí me ocorreu fazer aquilo de que eu gosto sempre: entrar nela por trás e, de pé, fazer com que ela se dobrasse da cintura para cima. Isso me deixa louco. Mas quando ela fez o que eu pedi, suas nádegas se abriram e do cu saiu um grande fedor de merda fresca. Tinha cagado. Sou porco, mas nem tanto. Aquilo me baixou o pau e me deu uma fúria terrível (p. 223).

Este é, pois a visão do estereótipo do homem latino, viril, promíscuo, suado, pois “o sexo não é para gente escrupulosa. O sexo é um intercâmbio de líquidos, de fluídos, de saliva, hálito e cheiros fortes, urina, sêmen, merda, suor, micróbios, bactérias.” (p. 11). Veja-se como o narrador-autor-personagem o coloca: “ali estavam todos pecando. Pecando freneticamente. Um negro e uma negra trepavam, sentados de frente um para o outro em cima do muro do Malecón” (p. 174). Para o autor, o sexo é algo instintivo, primitivo. Assim como todo homem deve ser, assinalava ele.

A representação do espaço urbano dentro do centro de Havana possui enorme relevância para a construção da narrativa, pois há uma relação direta entre personagens e os lugares que compõem o bairro: o denominado Malecón. Estes constroem uma cidade subjetiva da qual os caminhos percorridos transitam e revelam os personagens e as problemáticas por eles vivenciadas. Além da presença desse autor-personagem, uma das marcas também presentes no *realismo sujo* na sua obra é a transgressão das normas sociais. Ao tratar da literatura feita por Gutiérrez, percebe-se que este, tende a valorizar grupos sociais marginalizados, perseguidos ou ignorados pela sociedade seja por suas crenças e moralismos.

Os relatos apresentados por Gutiérrez revelam indivíduos que possuem entre tantas coisas, em comum: a adversidade, a luta pela sobrevivência, a cor da pele, a mestiçagem de raças e culturas. É a representação de uma realidade violenta, com uma linguagem forte, que muitas vezes a violência representada se torna pequena frente à brutalidade usada na própria representação. O autor propõe a reflexão da autenticidade promovida pelos conflitos, pela transformação do homem e de sua degradação, e da impossibilidade de melhorias.

É a partir dessa realidade sem máscaras, desnuda e controversa que Pedro Juan consegue retratar através da literatura sua “verdade”, não importa qual seja ela: “A realidade pode ser vulgar, feia, incômoda e inquietante, mas tenho que aceitá-la porque é realidade” (GUTIÉRREZ, 1999, [on line]), afirma. Para o escritor, portanto, não importa que sua literatura tenha traços vulgares, o que interessa é o “espírito da época”, as pessoas e suas inquietações; é preciso tocá-las com simplicidade, mas com firmeza.

O autor na perspectiva do *realismo sujo* busca abarcar tudo o que a sociedade despreza, rejeita. “O caos pode ser um início ou um fim” (PEREIRA apud ANTELO, 1998, p.49-grifos nossos), pois toda a sua obra resulta do conflito humano e seu teor caótico. Gutiérrez busca personagens pobres, marginalizados e escravizados pelo sistema para construir sua narrativa. No entanto, a maior relevância se dá ao lugar que estes indivíduos estão inseridos. O ambiente, em especial, o “Centro Havana” é que compõe essa atmosfera densa de personagens reais e sólidos. Estes são o retrato da miséria, do descaso e do desrespeito político e social. Portanto, sua literatura está impregnada dessa densidade: “nada de paz e tranquilidade. Quem consegue o repouso no equilíbrio está perto demais de Deus para ser artista” (p. 102).

Vivendo na Cuba dos anos 90, durante o boicote econômico imposto pelos Estados Unidos, Pedro Juan descreve a miséria, a fome e a falência do sistema público

do país através do seu pequeno universo. É a partir do seu dia-a-dia e dos acontecimentos que o cercam, que se aproveita a fim de tecer comentários, denunciando de maneira indireta toda a degradação humana de uma Havana devastada, como descreve na citação abaixo:

É a realidade desta área da cidade. Se você caminha por Centro Habana e La Habana Vieja, se dá conta de que há muita pobreza, miséria, prostituição. Minha literatura se desenvolve nesta região. E não me interessam outros lugares, por uma razão literária. Não me interessa fazer sociologia, antropologia, história, jornalismo. Me interessa fazer literatura, ficcionalizar a realidade. E a literatura se faz no conflito. Me interessam as pessoas que vivem na beira do abismo, que têm todo dia que achar um dólar para sobreviver, e que buscam esse dólar seja como for (GUTIÉRREZ, 2001)⁶.

O *multiculturalismo* é, também, um fenômeno de *mestiçagem*, termo herdado da colonização, a partir do mestiço, que designava aqueles que eram provenientes de uma união entre brancos e índios (o mulato e o crioulo, demarcando os descendentes dos brancos e dos negros). Nestas noções há uma conotação de degeneração e uma conotação pejorativa, na medida em que a maior parte das sociedades se funda na recusa da mestiçagem. O que não se enquadra na obra aqui em estudo. Pois, ainda que submerso a esse caos, Pedro Juan se compreende como pertencente e formador daquela atmosfera, ainda que em alguns momentos se sentisse perdido em meio ao caos. Prova disso, é que em um episódio, após descrever a beleza de uma mulata caminhando afirma: “*Por isso é difícil para um cubano viver em outro lugar. Aqui se passa fome e se afunda na miséria. Mas as pessoas são outra coisa*” (p. 129-grifos nossos). Para ele, as diferenças, a mestiçagem, as culturas dão o tom e a cor daquele povo, as adversidades agregam na composição da identidade daquele povo.

No capítulo intitulado *Eu, homem de negócios*, Pedro Juan narra a dificuldade de sobreviver na ilha enquanto cita, em francês, uma célebre frase de Rimbaud. Esta surge, aparentemente, como simples alegoria estética, mas que se observada a fundo nos revela significados maiores. Pois, nos remete a questões de identidade, de cultura e trânsito. Perceba:

Isso me acontece muitas vezes, à noite: acordo sobressaltado, sentindo o aprisionamento, como um lobo. Um lobo potente, de garras e presas poderosas, mas imobilizado. Acho que rezei um pouco, mas um verso de Rimbaud me cruzava o cérebro e me desviava da oração: *Jê est um autre. Jê est um autre* (p. 53-grifos do autor).

⁶ GUTIERREZ, Pedro Juan. Escritor tropical. Entrevista a Sérgio Sá. *Correio Brasiliense*, 1 abr. 2001.

Esse excerto grifado acima é uma frase marcante relacionada à identidade contemporânea, nela Rimbauld firma: “Eu sou um outro”. Nela, pois, Rimbauld assinala que a consciência só nos representa como aparecemos para o outro e não como de verdade somos. Caso desejarmos, apenas fingimos uma personalidade qualquer, sem que seja preciso se revelar. Com essa máxima, traz à tona a discussão do indivíduo múltiplo, capaz de ser muitos em um só. Assim como Gutiérrez, que consegue, concomitantemente, ser o jornalista, o escritor; ou quando se mostra como um simples personagem de sua obra, um indivíduo comum, com problemas, inseguro e perdido diante da realidade caótica e cruel vivenciada.

Pedro Juan Gutiérrez afirma que não faz política, por considerá-la tendenciosa e circunstancial. Já a literatura, esta sim é “universal e atemporal”. Portanto, escritor tem o ofício de escrever e contar histórias, e para ele, “escreve-se como se vive”. Essa realidade contraditória em que estamos inseridos faz com que sintamos necessidade de mostrar nossas experiências. Perceba na citação abaixo:

Reafirmamos assim a radicalidade da experiência da linguagem, que sempre será política –contra o *homem nu*–, porque linguagem só funciona assim; porque algo só está no lugar de algo para alguém. (...) Dessa forma, quando acreditamos no ser humano dotado de linguagem, afirmamos o *animal literário*, o *animal cultural* e o *animal político* (SEIDEL, 2007, p. 152).

A esse *homem nu*, entende-se pelo indivíduo revelando sua essência assim como ocorre em *Trilogia suja de Havana* (1998): o homem sem máscara diante da dura realidade. Evidenciada a partir dos indivíduos que nos tornamos, da linguagem que incorporamos, das experiências que vivenciamos e da cultura que adquirimos. Pedro Juan Gutiérrez consegue, através de sua obra, apresentar esse *animal literário, cultural e político* capaz de adequar-se a qualquer ambiente e dificuldade desse mundo tão real e contraditório. E como diria o próprio autor sobre essa arte de escrever: “no fundo na minha literatura talvez exista uma necessidade de mostrar para as pessoas que este é o mundo em que estamos vivendo. E ele é terrível” (GUTIÉRREZ, 2001, [on line]).

É essa mistura entre ficção e realidade que dá o tom singular a obra de Pedro Juan. O leitor se rende ao autor, envolto pela sedução dos personagens fortes, viris e reais, o típico homem latino. Não há o que comprove o que de fato aconteceu ou que foi ficcionalizado pelo escritor, mas isso aguça a curiosidade do leitor. Em entrevista, quando perguntado se ele acreditava que a melhor ficção é mais real do que o jornalismo, o escritor responde: “acho que a boa literatura deve ser convincente. Eu

utilizo e manipulo a realidade que conheço, me baseando nas circunstâncias. E crio uma nova realidade, a partir da realidade 'real'" (GUTIÉRREZ, 2003, [on line]).

Esse caos que parecia estar no ambiente externo encontrava-se dentro dele mesmo. Nessa busca, na perambulação entre os bairros ao redor de Havana e sua atmosfera caótica que Pedro Juan se encontra. Assim, analisando sob a ótica ficcional a obra de Pedro Juan Gutiérrez, percebemos os mecanismos usados na construção da identidade, da cultura e na criação dos universos individuais e coletivos para a construção dessa sociedade cubana.

Os Estudos Culturais estimularam a revisão de conceitos e teorias que se faziam confortáveis anteriormente, mas a modernidade e essa nossa pós-modernidade não abarcavam as necessidades advindas dos estudos literários. Buscou-se, portanto, entender e contrapor as diferenças entre o estético e o político, entre a erudição e a cultura popular, entre a alta cultura e acultura de massa, promovendo a interação e o entendimento do homem como ser cultural. Assim, os estudos de Stuart Hall nos permitiu visualizar os deslocamentos ocorridos nas definições de sujeito e identidade que nos permite entender essa crise identitária na pós-modernidade. De sujeitos centrados e unificados, passamos a sujeitos descentrados e contraditórios. Vimos também como a globalização exerce impacto sobre a formação das identidades culturais, mas que, em oposição à aceitação geral, a globalização gera a substituição do local pelo global.

Ao longo da narrativa o personagem Pedro Juan vai delineando sua história e com ela sua identidade cultural, este assume e assinala as inúmeras culturas e influências absorvidas durante toda a sua trajetória de vida. Ainda que envolto a uma atmosfera caótica, o protagonista percebe que é essa rotina articulada pelo caos e a adversidade que lhe dá forças e subsídios para sua construção como sujeito. A saída daquele ambiente, ao contrário que se pensava, não lhe traria a calma, dava-lhe dá a certeza que o processo de *transculturação* vivido por ele não lhe provoca a perda de sua identidade. Ao contrário, reafirma a construção da mesma, posto que agrega ao seu mundo as diversidades, a multiplicidade e as influências, sejam ela físicas ou psíquicas, através das encruzilhadas criadas pelos textos e intertextos de sua obra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. Fragmentos do discurso cultural: por uma análise crítica do discurso sobre a cultura no Brasil. In: **Teorias e políticas da**

cultura: visões multidisciplinares. Organização de Gisele Marchiori. Salvador: Edufba, 2007, Coleção Cult, 13-23p.

ANTELO, Raul. Guerra cultural. **Revista Cult**. Texto extraído do discurso de abertura ao VI Congresso de Abralic. Dez, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 2001.

COELHO, Gislene Teixeira. **Uma reflexão crítica acerca do interlectualismo**. Programa de pós-graduação em estudos literários, vol. 14. Belo Horizonte, 2009. Disponível em: http://www.lettras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_pgs/Em%20Tese%2014/TEXT0%206.pdf

FONTES, Izabel Santa Cruz. **Escrita como itinerário existencial: autoficção e subjetividade no realismo sujo de Pedro Juan Gutiérrez**. Recife, 2011. 114p. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Pernambuco, CAC, Letras, 2011.

GUTIÉRREZ, Pedro Juan. **Trilogia suja de Havana**. Tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomás Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. ed., 1. reimp. – Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

ORTIZ, Fernando. **El contrapunteo cubano del azúcar y del tabaco**. Cuba: Editorial de ciencias sociales, La Habana, 1983: Del fenómeno de la "transculturación" y de su importancia en Cuba. Comentário: Lívia Reis (UFF). Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cdrom/ortiz/>

SANTIAGO, SILVIANO. **Vale quanto pesa**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1982.

SEIDEL, Roberto H. **Embates simbólicos: estudos literários e culturais**. Recife: Bagaço, 2007.

ENTREVISTAS:

GUTIÉRREZ, Pedro Juan. Cuba si, Cuba no. Entrevista a Jefferson Del Rios. **Revista Bravo**, set. 1999. [online]. Disponível em: http://www.pedrojuanguierrez.com/Entrevista_PT_Bravo.ht.

GUTIERREZ, Pedro Juan. Escritor tropical. Entrevista a Sérgio Sá. **Correio Brasiliense**, 1 abr. 2001. Disponível em: http://www.pedrojuanguierrez.com/Entrevista_PT_Correio%20Braziliense%20%282001%29.htm

GUTIÉRREZ, Pedro Juan. Caos cubano compensa vazío europeu. **Jornal do Brasil**. 17 mai 2001, [on line]. Disponível em: [http://www.pedrojuanguierrez.com/Comentario_PT_Jornal%20do%20Brasil%20\(cronica2%20PJ\).htm](http://www.pedrojuanguierrez.com/Comentario_PT_Jornal%20do%20Brasil%20(cronica2%20PJ).htm)

GUTIERREZ, Pedro Juan. Um olhar cubano no país. Entrevista a Pedro Burgos. **Jornal do Brasil**, 7 jul. 2003, [on line]. Disponível em: http://www.pedrojuanguierrez.com/Entrevista_PT_Jornal%20do%20Brasil.htm.